

êle

Se pusessemos cinco pessoas diferentes a discutir a personalidade de Fausto Wolff — nosso êle de hoje — certamente teríamos a impressão de que o grupo não falava da mesma pessoa. Se para um é um tímido de fala mansa e de conceitos moderados, para outro é um palpatão violento e agressivo; se para outro é o rapaz que há menos de um mês nadou mais de duzentos metros em mar bravio para salvar uma criança em Ipanema, para outro é o sujeito que volta e meia vê-se metido em brigas noturnas nos mais diversos "night-clubs"; há quem o considere um "snob" convidado constante de fechadíssimas reuniões sociais e há quem o veja apenas como amigo de seus amigos do Bar Veloso. Como vêem — o homem é complexo e difícil de ser apresentado. Mas, vamos lá: Fausto Wolff é pseudônimo de Faustin von Wolfenbüttel. Nasceu no Rio Grande do Sul há mais de trinta anos e para o falecido Barão Max von Stukart, de quem foi **ghost-writer**, no tempo em que este escrevia uma coluna no "Diário de Notícias", tratava-se de um príncipe alemão. A verdade é que a cidade de Wolfenbüttel está lá, na Alemanha, há duzentos quilômetros de Hamburgo, juntamente com o castelo da família, mas para Fausto entrar na posse dêle terá que pagar, pelo menos, 150 anos de impostos, o que equivale, mais ou menos, a tôda a nossa dívida externa. E Fausto confessou há alguns dias que deve alguns meses de aluguel da sua casa, na Lagoa... Dos 7 aos 14 anos foi engraxate, balconista, vendedor de orquídeas, auxiliar de escritório. Aos 14 saiu de casa para ser contínuo de jornal. Da reportagem policial à secretaria ocupou todos os cargos nas mais diversas redações. Há alguns anos exerce as funções de crítico de teatro — respeitado, temido, odiado e — por que não? — também admirado — de crítico de te-



Ainda no fim do ano passado, passou dois meses na França e na Alemanha a convite dos dois governos. Realizou palestras sobre a participação da nova geração brasileira nos mais diversos setores de arte. Seu primeiro livro, **O Arobata pede Desculpas e Cai** como não poderia deixar de ser, foi violentamente atacado e bravamente defendido. O fato de ter levado uma Associação a pronunciar-se contra êle não o impediu de ser considerado a revelação literária do ano nem de ter sido traduzido pela mais fechada editora de Nova York, a **Grove Press**. No momento em que os leitores lêem estas notas, Fausto Wolff está em Punta del Este, como convidado da RAI para o seu festival de televisão. Tanto pode estar batucando na máquina de escrever, como tentando a sorte no cassino. Estará, porém, de volta na próxima terça-feira, autografando, depois das dez da noite no Bar Veloso (Garôta de Ipanema),

na esquina de Montenegro, com Prudente de Moraes, em Ipanema, o seu segundo romance: **O Campo de Batalha sou Eu**, publicação da José Alvaro Editora. A propósito deste livro, diz Campos de Carvalho, um dos melhores escritores brasileiros: "A Independência de Fausto Wolff nos garante a autenticidade de sua violência contra a violência e nos explica a paixão com que se atrai a uma luta cujo campo de batalha está nele mesmo, como está em cada um de nós, dentro de sua inviolável liberdade". Certamente o **Veloso** estará superlotado (diz Fausto: como não posso servir uisque escocês, sirvo **chopp**), pois o êle desta semana não admite meios têrmos, só tem amigos ou inimigos e os primeiros encarrregar-se-ão de fazer a festa. E o coração? Basta abrir o **Campo de Batalha** para ver a quem o livro foi dedicado: para **Marise**, o que quer dizer: Marise Miranda Freitas.

REC
II

GASTÃO NEVES — POETA DE TERESÓPOLIS

Luta Democrática, Rio, 18 fev. 1968
SANTOS LEVI

FILHO de José Teles Teixeira Neves e de Beatriz Augusta Cerqueira da Silva Neves, Gastão Neves já nasceu de férias, em 24 de dezembro de 1926, em pleno descanso teresopolitano, vindo especialmente para a ceia de Natal, talvez já predestinado a traçar o perfil do papa João XXIII.

Nascido de lavradores
Foi lavrador como os seus,
Semeou frutas de agora
E colheitas de esperanças,
Plantou sementes de aurora
No futuro das crianças.

Menino da Serra dos Órgãos, sentindo as belezas das cascatas do Imbuí, Guarani, Fischer e dos Amôres, banhava-se na piscina Sloper do Parque Nacional e rodava por Teresópolis, compreendendo os cachorros da rua

"O gemido, doido e rouco,
Que sai da tua carne sem alma,
Não seria o mesmo gemido de alma
Dos desesperados do amor?"

Terminado o curso secundário no Ginásio Teresa Cristina, Gastão Neves vestiu uma farda de cadete da Academia Militar das Agulhas Negras, e de Resende deu um pulo à fronteira paulista, subindo a Campos de Jordão e escrevendo

"Tenho ar e liberdade
Não sou doente do peito
Minha doença é lirismo
E lirismo não tem jeito."

e por causa do lirismo trocou o oficialato pelo casamento com d. Léia Maria Magalhães Almeida Neves

pelos jornalismo, formando-se, aliás, pelo Curso da Fundação Cáspero Líbero, em S. Paulo.

Autor de "Versos Simples" (1956), "Senhora dos Sonhos Mortos" (1960), "Portugal para Brasileiros" (1965) e "Tempo de Espera" (1966); neste último livro, dele diz Antônio Maria

"Garcia Lorca estremece ao sentir-se replicado, inesperadamente, numa noite da Serra dos Órgãos, Brasil."

Introdutor da poesia falada em clubes e boates do Rio de Janeiro, viajou pela Europa, fazendo em Portugal, durante três meses, vinte recitais de declamação, inclusive no famoso Cassino Estoril, de Lisboa. Dele falou o crítico português Jorge Sampaio, em 28-8-1962, no "Diário Ilustrado" de Lisboa.

"O entusiasmo da assistência, constituída por gente do povo, envolve, para além da consagração do artista brasileiro, um significado que é preciso ter em conta: a perfeita adesão do povo à poesia e a necessidade de levá-la até ele, como se fez com teatro, a música ou qualquer outra modalidade artística."